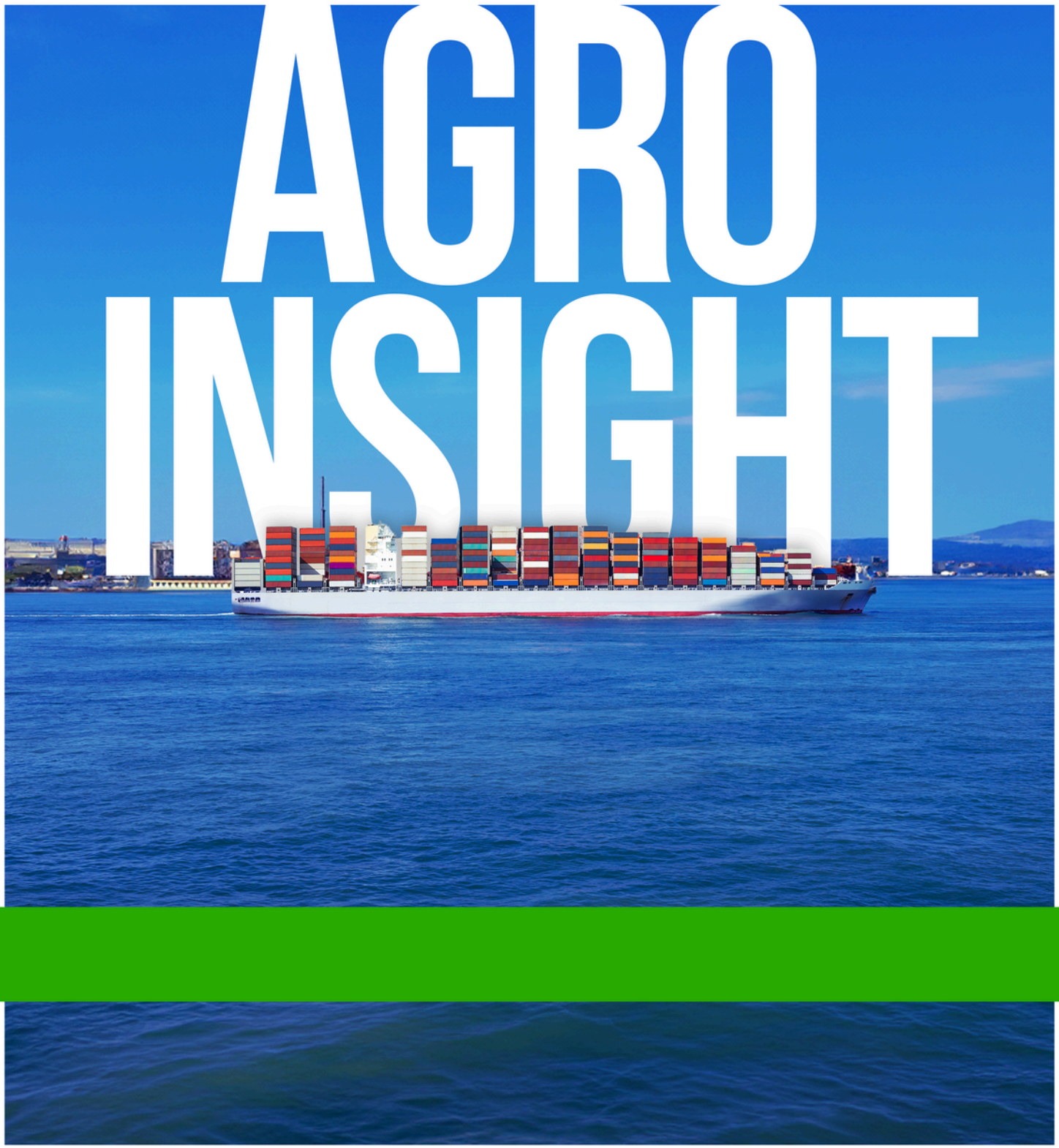
Um
mundo de
oportunidades

V.3 2026

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Presidente da República

CARLOS HENRIQUE BAQUETA FÁVARO
Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

IRAJÁ REZENDE DE LACERDA
Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR
Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART
Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA
Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

MARCELO NARVAES FIADEIRO
Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS ERNESTO AUGUSTIN
Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS
Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

Elaboração, distribuição, informações:
Ministério da Agricultura e Pecuária
Secretaria de Comércio e Relações Internacionais
Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR
Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas
Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3° andar, Sala 300
CEP: 70043-900 Brasília - DF
Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:
Priscilla Burmann
João Huguenin

Coordenação:
Luís Rua
Augusto Billi
Carolina Eufemia Aquino de Sá
Ângela Pimenta Peres
Jennifer Santos Costa
Jennya Silva Brito

Equipe Técnica:
Rodrigo Lopes de Almeida
Eduardo Sampaio Marques
José Guilherme Tollstadius Leal
Caio César Simão
Luciana Pich Gomes
Juçara Aparecida André Dokonal
Eduardo Magalhães
Silvio Luiz Rodrigues Testaseca
Glauco Bertoldo
Nilton Antônio de Morais
Alessandro Fidelis
Rodrigo do Espírito Santo Padovani
Leandro Diamantino Feijó
Jean Felipe Celestino Gouhie
Clóvis Augusto Versalli Serafini
Tiago Charão
Priscila Rech Pinto Moser
Rafael Mohana de Carvalho Refosco
Vanessa Medeiros de Jesus
Ana Lúcia de Paula Viana
Fabiana Villa Alves
Virgínia Arantes Ferreira Carpi
Roberto Carlos Papa
Carlos Turchetto
Fernanda Mascarenhas Magalhães
André Okubo
Dalci de Jesus Bagolin
Ellen Elizabeth Laurindo
Luna Lisboa
Frederique Abreu
Andréa Moura
Warley Campos
Márcio Rezende Evaristo Carlos
Marco Túlio Santiago
Luiz Cláudio de Santana e Caruso
Lucas Fiuza
Ana Carolina Miranda Lamy
Diego Leonardo Rodrigues
Marcelo Cláudio Pereira

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catalogação na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

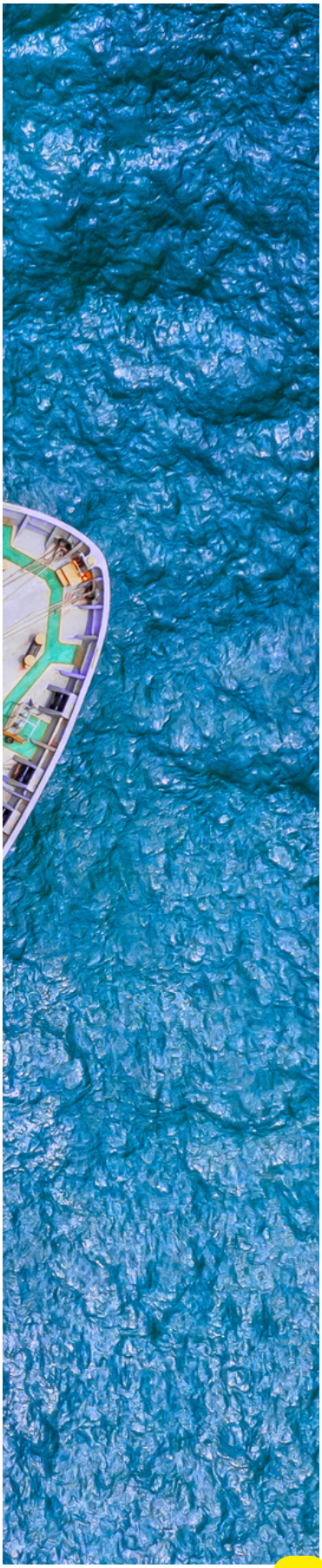
Resumo



O AgroInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro Carlos Fávaro e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgroInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.
Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.





AÇÚCAR E ÁLCOOL NA ETIÓPIA

Data: 13/03/2026
Posto: Adis Abeba/ Etiópia
Palavras-chave: Etanol; Sucroalcooleiro; E10; Bioenergia; Djibouti; Transferência de tecnologia; Oportunidades comerciais.
Responsável: Fabiana Villa Alves

SUMÁRIO:

O setor de açúcar e álcool na Etiópia configura-se como instrumento integrado de política agrícola, energética e comercial, encontrando-se em processo de reestruturação institucional e expansão produtiva. A transformação de usinas em empresas autônomas, aliada ao aproveitamento de subprodutos industriais e à centralidade logística do corredor via Djibouti, contribui para a formação de um ambiente mais aberto à cooperação internacional e à atração de investimentos. Nesse contexto, destacam-se oportunidades relevantes para o Brasil, especialmente no fornecimento de tecnologias, equipamentos e insumos para o setor sucroenergético, bem como na transferência de know-how em produção de etanol, cogeração de energia e gestão eficiente de usinas. A coexistência entre metas regulatórias mais ambiciosas, como a adoção do E10, e limitações práticas de oferta de açúcar e etanol, reforça o potencial para a inserção de soluções brasileiras voltadas à ampliação da produtividade e da capacidade industrial do complexo sucroalcooleiro no país.

PANORAMA E CONTEXTO GERAL

A reorganização do setor açucareiro etíope em 2022 ocorreu no contexto de uma ampla reforma das empresas estatais e do esforço do governo para tornar o setor mais eficiente e financeiramente sustentável.

Durante mais de uma década, o setor havia sido centralizado na antiga Ethiopian Sugar Corporation, responsável simultaneamente pela produção, pela gestão das plantações e pela implementação de novos projetos industriais. Esse modelo mostrou-se pouco eficiente, e vários projetos sofreram atrasos, acumularam dívidas elevadas e operaram muito abaixo da capacidade instalada.

Como resposta, o governo decidiu reestruturar a governança do setor. Em março de 2022 foi criado o Ethiopian Sugar Industry Group, que passou a atuar como holding estatal responsável pela coordenação estratégica do setor, supervisionando a expansão de capacidade produtiva, modernização das fábricas e introdução de tecnologias de cogeração energética.

Paralelamente, diversas fábricas foram transformadas em empresas públicas autônomas por regulamentos específicos do Conselho de Ministros, como o Regulation nº. 496/2022 que instituiu a empresa da Wonji Shoa Sugar Factory. Além desta, foram também criadas a Metehara Sugar Factory (Regulation nº. 499/2022), Fincha Sugar Factory (Regulation nº. 498/2022), Kesem Sugar Factory (Regulation nº 497/2022) e Tana Beles Sugar Factory (Regulation nº 495/2022). O objetivo foi separar a gestão das unidades produtivas, permitir maior autonomia operacional e preparar algumas delas para possíveis parcerias com investidores privados ou reestruturações financeiras.

PRODUÇÃO SUCROENERGÉTICA

O setor sucroenergético da Etiópia apresenta elevado potencial produtivo, sustentado por condições agroclimáticas favoráveis e pela disponibilidade de extensas áreas irrigáveis, que permitem alcançar produtividade média de até 162 toneladas de cana-de-açúcar por hectare, em ciclos de aproximadamente 15 meses. Em termos mensais, isso corresponde a cerca de 10,8 toneladas por hectare, desempenho superior à média global em aproximadamente 2,3 toneladas por hectare. Esse diferencial constitui um dos principais pilares da estratégia governamental de expansão do setor, orientada à autossuficiência na produção de açúcar e ao desenvolvimento da indústria de etanol.

A produção de cana-de-açúcar no país organiza-se predominantemente em grandes agrocomplexos integrados, que combinam cultivo irrigado, processamento industrial e infraestrutura de suporte, incluindo habitação e serviços para trabalhadores. Esse modelo reflete uma abordagem estatal de desenvolvimento territorial, na qual os projetos sucroenergéticos desempenham papel estruturante na ocupação produtiva de áreas de baixa altitude.

Apesar dos avanços observados nas últimas décadas, a produção nacional ainda não é suficiente para atender à demanda interna de uma população superior a 120 milhões de habitantes, com consumo anual estimado em cerca de 700 mil toneladas de açúcar. Como resultado, o país permanece dependente de importações periódicas para equilibrar o mercado interno. Atualmente, a oferta anual total situa-se entre 650 mil e 700 mil toneladas, das quais aproximadamente 325 mil a 400 mil toneladas são provenientes da produção doméstica. Para suprir essa lacuna, o governo recorre à importação de cerca de 200 mil a 300 mil toneladas por ano, o que implica dispêndio relevante de divisas e reforça a dependência externa. O consumo per capita supera 10 kg por ano, embora o fornecimento efetivo tenha se mantido, em média, em torno de 7 kg por habitante, evidenciando restrições de acesso e limitações na capacidade de distribuição.

Diante desse cenário, o governo etíope tem adotado medidas para mitigar o impacto do déficit, incluindo a importação e a distribuição de açúcar a preços subsidiados. No entanto, reconhece-se que essa estratégia não é sustentável no longo prazo, o que tem levado à priorização do setor açucareiro como componente central da política industrial e agrícola do país. Desde 2010, a Etiópia vem promovendo uma expansão intensiva dos projetos de desenvolvimento do setor, especialmente em áreas de baixa altitude, no âmbito da chamada “Sugar Revolution”. Essa estratégia tem como objetivos reduzir o déficit entre oferta e demanda, alcançar a autossuficiência produtiva, gerar empregos em larga escala, promover o desenvolvimento socioeconômico das regiões produtoras e, no médio prazo, viabilizar a geração de divisas por meio da exportação de açúcar.

Nesse contexto, o governo mantém uma agenda ativa de expansão, que inclui tanto a melhoria da produtividade agrícola nas áreas já cultivadas quanto a conclusão e entrada em operação de novos empreendimentos industriais. A consolidação desses investimentos poderá elevar significativamente a produção nacional nos próximos anos, reduzindo a dependência externa e fortalecendo o papel do setor sucroenergético como vetor de desenvolvimento econômico e energético no país.

Além do açúcar, o setor gera subprodutos estratégicos, como etanol, melaço e energia elétrica. O etanol é produzido principalmente a partir do melaço das usinas de Finchaa e Metehara, com capacidades instaladas de aproximadamente 20 milhões e 12,5 milhões de litros por ano, respectivamente. Parte dessa produção é destinada à mistura com gasolina no mercado doméstico, enquanto o restante atende à indústria de bebidas e à alimentação animal.

A política de mistura de etanol na gasolina não é aplicada de forma plenamente uniforme, uma vez que depende da disponibilidade doméstica do biocombustível, ainda limitada. Do ponto de vista regulatório, o país estabeleceu como meta técnica a adoção do padrão E10, com até 10% de etanol anidro na gasolina, como parte da estratégia de diversificação da matriz energética e redução da dependência de combustíveis fósseis importados. Contudo, na prática, o nível efetivo de mistura permanece abaixo desse patamar, situando-se, em geral, entre aproximadamente 2% e 5%, podendo variar conforme a oferta disponível.

Limitações estruturais, como a baixa utilização da capacidade instalada das usinas, gargalos logísticos e a competição pelo uso do melaço em outros segmentos industriais, continuam a restringir a expansão consistente da produção de etanol.

Ainda assim, o potencial de crescimento do setor permanece significativo, especialmente diante dos investimentos em curso e das oportunidades de modernização tecnológica e cooperação internacional.

PARQUE INDUSTRIAL

O parque sucroenergético do país é composto por treze usinas em diferentes estágios de maturidade operacional, sob coordenação do Ethiopian Sugar Industry Group, abrangendo unidades históricas consolidadas e projetos mais recentes ainda em fase de expansão ou consolidação.

Entre as usinas mais tradicionais destaca-se a Wonji Shoa Sugar Factory, considerada a mais antiga do país, com início de operação em 1954 (Figura 1). Localizada próxima à cidade de Adama, essa unidade passou por um processo de modernização que culminou na instalação de uma nova planta em 2013, elevando sua capacidade de moagem para cerca de 6.250 toneladas de cana por dia e produção de 175.000 toneldas de açúcar por ano, com potencial de expansão para o dobro. Além da produção de açúcar, a usina desempenha papel relevante na geração de energia, contribuindo com eletricidade para a rede nacional, e possui forte inserção socioeconômica na região onde está instalada.



Figura 1. Instalações da Wonji Shoa Sugar Factory, na região de Oromia, Etiópia. Fonte: https://www.uttamsucrotech.com/projects/international-projects/wonji-shoa-sugar-factory-ethopia.

Entre os projetos mais relevantes, destaca-se o Tana Beles Sugar Development Project, localizado na Zona Awi, na região de Amhara. A usina, com capacidade de moagem de 12 mil toneladas de cana por dia, entrou em operação em junho de 2021, iniciando produção experimental no mesmo ano com cana cultivada em cerca de 13 mil hectares. O projeto enfrentou atrasos significativos, com a construção se estendendo por aproximadamente oito anos além do prazo originalmente previsto de 18 meses, sendo necessária a injeção adicional de mais de 95 milhões de dólares por parte do governo para sua conclusão.

Outro eixo estratégico de expansão é o Omo Kuraz Sugar Development Project, localizado no sul do país. Este complexo prevê o desenvolvimento de quatro usinas associadas a cerca de 100 mil hectares de cultivo de cana-de-açúcar.

Duas dessas unidades, Omo Kuraz II e III, ambas com capacidade de moagem de 12 mil toneladas diárias, iniciaram operação em março de 2017 e outubro de 2018, respectivamente. As demais unidades, Omo Kuraz I e V, encontram-se em estágios avançados de construção, mas ainda dependem de financiamento adicional para entrar em operação plena.

Paralelamente, o Welkayit Sugar Development Project, que previa o cultivo de cana em 39,5 mil hectares e uma usina com capacidade de moagem de 24 mil toneladas por dia, teve sua implementação interrompida em decorrência do conflito na região norte do país, evidenciando os riscos políticos e operacionais associados à expansão do setor em áreas remotas.

A estratégia de lançar simultaneamente dez grandes projetos açucareiros impôs desafios significativos, especialmente em função dos elevados investimentos requeridos, da escassez de mão de obra qualificada e da localização dos empreendimentos em áreas de baixa infraestrutura. Ainda assim, o programa resultou em avanços estruturais importantes, incluindo a construção de estradas, barragens, sistemas de irrigação, redes elétricas e infraestrutura de telecomunicações, beneficiando não apenas o setor, mas também as comunidades locais.

Como resultado desses esforços, a Etiópia ampliou o número de usinas operacionais de três para oito entre 2015 e 2022, com a entrada em operação de unidades como Kessem, Arjo Diddessa, Omo Kuraz II e III, e Tana Beles. No mesmo período, a área cultivada com cana-de-açúcar expandiu-se significativamente, passando de cerca de 30 mil hectares em 2009 para mais de 102 mil hectares em 2025.

DESAFIOS LOCAIS E OPORTUNIDADES PARA O BRASIL

O setor sucroenergético da Etiópia apresenta desafios significativos, mas também oportunidades estratégicas para o Brasil, em função do potencial de crescimento do país e da experiência brasileira no cultivo e processamento da cana-de-açúcar. Apesar de obstáculos como limitações na capacidade produtiva, gargalos logísticos e dependência de infraestrutura externa, a base estrutural instalada — incluindo áreas irrigáveis, sistemas de irrigação, capacidade industrial e redes de transporte — oferece condições promissoras para a expansão do setor. Nesse contexto, o complexo sucroenergético etíope pode se consolidar como um vetor relevante de desenvolvimento agroindustrial, geração de energia renovável e inserção econômica regional no médio e longo prazo.

O país possui clima favorável, mais de 1,4 milhão de hectares de terras agrícolas irrigáveis comprovadas, abundantes recursos hídricos e ampla disponibilidade de mão de obra (Figura 2). Desde 2018, o governo tem dedicado atenção especial ao setor, com o objetivo de agregar valor às fábricas e abrir espaço para investidores privados, nacionais e estrangeiros, buscando a privatização gradual de grande parte das usinas em parceria com o Ministério da Fazenda.



Figura 2. Produção de cana-de-açúcar na Etiópia. Fonte: https://web.facebook.com/photo/?fbid=947072888267170&set=pb.100088934025295.-2207520000

A dimensão logística e comercial do setor sucroalcoleiro etíope está diretamente conectada à condição geográfica do país como nação sem acesso ao mar. A maior parte do açúcar importado, dos insumos industriais e dos produtos derivados depende do porto de Djibouti, no Mar Vermelho, que se conecta à ferrovia eletrificada Adis Abeba–Djibouti e a rodovias estratégicas. Esse porto é, portanto, elemento crítico para a segurança logística e comercial do setor. Qualquer estratégia de expansão da produção de açúcar e etanol, incluindo exportações regionais, deve considerar essa dependência, reforçando a importância de investimentos em infraestrutura logística e acordos comerciais bilaterais.

O Brasil, como grande produtor e exportador de açúcar e etanol, possui experiência tecnológica e know-how na agroindústria da cana que podem ser transferidos para a Etiópia. Há oportunidades em áreas como manejo irrigado, eficiência industrial, cogeração energética e produção de etanol combustível. Projetos de cooperação poderiam englobar parcerias técnico-científicas, transferência de tecnologias de refino e apoio à logística portuária. A experiência brasileira na implementação de unidades demonstrativas de tecnologia agrícola (Reference farms) pode servir como instrumento para acelerar a adoção de práticas eficientes e sustentáveis nas usinas etíopes, contribuindo para a consolidação do setor e para a integração do Brasil como parceiro estratégico no desenvolvimento sucroenergético da Etiópia.